

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**  
**DISCIPLINA DE RELATÓRIOS TÉCNICOS, PARECERES, PERÍCIAS I**  
**PROF: GUILLERMO STEFANO ROSA GÓMEZ**

**LAUDO ANTROPOLÓGICO:**  
**A Transposição e a Democratização Do Conhecimento Antropológico**

Rudinei Telier de Freitas<sup>1</sup>

**Resumo:**

O conceito de ciência pode ganhar significado diferente, mas certos requisitos se mantêm essenciais para o desenvolvimento da prática científica. Uma delas é o domínio da linguagem científica escrita. A apropriação dessa linguagem torna-se um requisito essencial, tanto na prática quanto no aprendizado de uma área de conhecimento específico.

No mundo acadêmico, as terminologias são amplamente aplicadas em textos científicos e com o avanço das pesquisas, cada vez mais, novos conceitos vão sendo inseridos nos vocábulos acadêmicos.

As produções científicas acabam por se tornarem uma leitura difícil, pois, o uso de acrônimos e de jargões desnecessários, tornam a leitura e o entendimento dos trabalhos de pesquisas cada vez mais complicado – até mesmo para atores atuantes nessas áreas do conhecimento. E o uso dessa linguagem complicada não apenas afasta os não-cientistas e a mídia, mas também aqueles que mais necessitam desse conhecimento.

A ciência é feita pelo homem para benefício do homem. Para que o ser humano possa usufruir dos benefícios do conhecimento científico é necessário que este chegue ao consumidor deste saber de uma forma transposta para sua compreensão.

---

<sup>1</sup> Rudinei de Freitas é graduando do curso de Antropologia Social - UFPel - Pelotas, RS - 2024

O desconhecimento das produções científicas nas "humanas", restrita apenas ao ambiente acadêmico, cria uma imagem de que o antropólogo é um sujeito ideológico que escreve, escreve e não diz nada.

Muitas vezes, os trabalhos realizados por pesquisadores não fecham o ciclo de produção, isto é, não chegam à publicação e difusão do saber aos vários segmentos e níveis da sociedade que poderiam ser beneficiados direta ou indiretamente. Os projetos são implementados, são apresentados em congressos, o pesquisador usa os dados de suas pesquisa em salas de aula, em palestras, mas a publicação de maneira que possa ser compartilhado com um grande numero de pessoas, não ocorrem.

Para o conhecimento ser democratizado deve ser publicado. Em caso de pesquisas, o suporte ideal seria o periódico científico. Entretanto, não é fácil manter um periódico científico de área específica, mesmo quando há produção científica farta na área. É preciso que os autores fechem o ciclo de produção encaminhando a matéria para a publicação.

## **Abstract**

The concept of science may have a different meaning, but certain requirements remain essential for the development of scientific practice. One of them is the mastery of written scientific language. Appropriation of this language becomes an essential requirement, both in practice and in learning a specific area of knowledge.

In the academic world, terminologies are widely applied in scientific texts and with the advancement of research, new concepts are increasingly being inserted into academic words.

Scientific productions end up becoming difficult reading, as the use of acronyms and unnecessary jargon makes reading and understanding research works increasingly complicated – even for actors working in these areas of knowledge. And the use of this complicated language not only alienates non-scientists and the media, but also those who need this knowledge most.

Science is made by man for the benefit of man. In order for human beings to enjoy the benefits of scientific knowledge, it is necessary for it to reach the consumer of this knowledge in a way that is transposed for their understanding.

The lack of knowledge of scientific productions in "humanities", restricted only to the academic environment, creates an image that the anthropologist is an ideological subject who writes, writes and says nothing.

Often, the work carried out by researchers does not complete the production cycle, that is, it does not reach the publication and dissemination of knowledge to the various segments and levels of society that could benefit directly or indirectly. The projects are implemented, they are presented at conferences, the researcher uses the data from their research in classrooms, in lectures, but publication in a way that can be shared with a large number of people does not occur.

For knowledge to be democratized, it must be published. In the case of research, the ideal support would be the scientific journal. However, it is not easy to maintain a scientific journal in a specific area, even when there is abundant scientific production in the area. Authors must close the production cycle by forwarding the material for publication.

**Palavras-chave:**

Democratização do conhecimento; Antropologia Popular; Laudos Antropológicos

## INTRODUÇÃO :

Durante uma entrevista no programa Roda Viva da TV EDUCATIVA o geógrafo Milton Santos fez a seguinte colocação: "O academicismo afasta o conhecimento daqueles que mais precisam dele... o povo!". Milton Santos fazia uma referência ao trabalho intelectual e o conhecimento científico produzido e desenvolvido nas universidades públicas brasileiras, e que por sua vez, por vaidades e excessos de uma "burocracia acadêmica", não chegaram ao conhecimento dos que "realmente" necessitam desse conhecimento.

No caso da antropologia, para um melhor entendimento: " Antropólogo escreve, para outro antropólogo". Suas teses e teorias, acabam virando publicações em uma estante empoeirada da faculdade, dentro de uma sala que ninguém terá acesso."

Durante uma video-aula, para os alunos da disciplina De Relatórios Técnicos, Pareceres, Perícias I, na Universidade Federal de Pelotas, o Doutor Nuno Nunes, em tom sarcástico, brincava com esse baixíssimo conhecimento das teses e artigos produzidos por diversas disciplinas em suas pesquisas realizadas.

Ainda, seguindo a linha de pensamento do Milton Santos, perguntamos o que um médico deve fazer ao atender o paciente que se queixa de dores na "buchada"? Deixá-lo sem atendimento, porque ele não usou o termo correto para expressar "dores abdominais" ou ele deveria perguntar o que é "buchada"?

AMORIM et al.(2010) traz em seu texto, ao nosso entender, uma reflexão sob o trabalho pericial em antropologia que ocorre, em sua maior parte, em afirmar os direitos socioculturais em ação dentro do ministério público, confrontando a realidade acadêmica e a dos tribunais. A ocupação do espaço público das minorias socioculturais e a defesa de seus direitos, tem colocado o antropólogo, nesse âmbito específico, em um papel de coadjuvante. As autoras escrevem: "Muitos dos problemas encontrados em laudos, relatórios e pareceres periciais constituem exemplos das consequências da ausência de debate sobre o fazer antropológico"( AMORIM et. al, 2010,p. 200)

AMORIM et al.(2010) também fazem uma referência importante : "A audiência sempre constituiu uma influência direta na produção da etnografia" (AMORIM et.al.,2010,p.201). As autoras citam Michael Agar (1992) que adverte: " a antropologia está apenas começando a perceber tratar-se de problema que diz respeito à disciplina como um todo, referindo-se tanto aos contextos de produção textual acadêmico quanto aos que se situam fora dele."(AMORIM et.al.,2010,p.201).

Michael Agar em seu livro *"El surgimiento de la antropología posmoderna"*, de 1992, nos fala a respeito da existência de características peculiares, próprias de cada ambiente profissional, e como essas características incidem sobre a produção etnográfica.

O conhecimento antropológico gerado no MPF, diferencia-se daquele estabelecido no âmbito acadêmico. Obriga a produção de um conhecimento baseado no diálogo contínuo em uma interdisciplinaridade, uma interculturalidade e pelo contraditório.

Orivaldo Nunes em sua tese de doutorado *"Teoria Da Multiescalaridade Do Torus-Mestre e Método Para Etnoplanejamento Ambiental E Territorial Indígena"*, do ano de 2022, enfatiza ao longo de sua tese as "diferentes linguagens" e diferentes "vozes" envolvidas durante a elaboração de um laudo antropológico, replicando o pensamento da antropóloga Carolina Comandulli, de como a linguagem técnica, utilizada pelo Estado, limita a compreensão pelos povos indígenas. Para Nunes(2022), buscar o "entendimento" mais do que a "mediação", torna-se mais do que uma maneira de agir, mas de realizar o trabalho pericial.

Um fato que queremos salientar é que AMORIM et al.(2010) deixa claro em seu texto, que sem lastro metodológico não há como sustentar uma pesquisa. Fazer perícia não significa referendar incondicionalmente a fala nativa, mesmo porque ela própria é constituída por vozes contrapostas.

### **Academizar ou Publicar?**

Em sua produção textual acadêmica, o antropólogo solitário dirige-se a um público específico acostumado com os temas abordados, com seus jargões e verbetes de natureza antropológica, assim como todas as ciências os possuem. Como chegar ao público e realizar a transposição dos saberes antropológicos?

"A teoria da Transposição Didática" estudada por Yves Chevallard e publicada em sua obra *"La Transposition Didactique"*, em 1991, defende que o saber não deve chegar até mesmo em uma sala de aula da mesma maneira com que foi produzido no contexto científico. E do ponto de vista social, deve esse conhecimento ser transformado em algo que possa ser ensinado e aprendido.

São inúmeras as editoras e distribuidoras do chamado "nicho digital" que se encarregam do trabalho de registro, revisão, distribuição e venda de diversas obras literárias em suas diversas categorias, em formato digital.. O avanço tecnológico e o "pensamento do politicamente correto", tem oferecido ao público leitor equipamentos como *"Tablet"* ou *"E-Reader"* para leitura de livros em formato "digitais", poupando e preservando a natureza.

Atualmente, os computadores e outros aparatos tecnológicos, oferecem o uso de editores digitais. Através deles é possível você transformar seu texto em um livro digital tipo "PDF", "EPUB", incluído *softwares* para correção de ortografia, bem como o de substituição de palavras e frases, para expressões mais "adequadas" ao leitor. É também uma forma de controle para o autor, e quem sabe, uma alternativa de um "ganho extra", com a venda dos livros.

O registro da obra torna-se essencial para a identificação e catalogação do livro no mundo todo, seja nas livrarias ou em bibliotecas. Garantir os direitos autorais do escritor é mais um exemplo de tarefa burocrática com a qual a editora contribui ao longo do percurso de publicação. Uma outra atribuição importante é o da "revisão do texto", e tornar sua produção em uma leitura agradável, observando o estilo, a fluidez, a clareza, além da gramática...

Um grande exemplo foi dado pelo Antropólogo Darcy Ribeiro, que transformava suas pesquisas em produções literárias para o público, de maneira, que poderiam entender e aprender.

Através do estudo de laudos antropológicos podemos observar a mudança na forma de escrita, por parte dos antropólogos que o emitiram, e ao mesmo tempo em que procuram realizar suas etnografias, procuram deixar claras as informações que apresentam, pois sabem que o público consumidor de seu trabalho, não pertencem ao seu convívio acadêmico, realizando desta forma, a "transposição didática", para a compreensão de todos os envolvidos na produção do laudo.

Esperamos assim contribuir para o entendimento de que um laudo antropológico, também é um exercício democrático através de sua escrita, para o antropólogo perito, colaborando desta forma para o "reconhecimento público", além "muros universitários", do que constitui-se o "ofício do antropólogo".

### **O caderno de campo**

Nos tempos atuais, parece estranho usarmos a palavra "caderno". Em época de "*Laptops*" , "*notebook*" e todo um aparato digital a sua disposição, o "caderno de campo" ainda é o importante instrumento de trabalho para o antropólogo. Seu trabalho de campo acaba por se basear no que foi registrado, desenhado, detalhado, etc ... Os antropólogos levam o caderno de campo muito a sério. É a memória externa, que lhe ajuda ou lhe impede de repetir atos durante a pesquisa. Guarda suas ideias, impressões e tudo o que lhe parece interessante, sem preocupar-se em usar essas informações ou não e sem teorizar ou se respaldar em referências bibliográficas. O que importa realmente, é registrar tudo o que ocorreu, de bom e de mal. Essa "ferramenta" de trabalho do

antropólogo, lhe dará credibilidade ao estudo que está sendo realizado. Informações detalhadas, observações e comentários sobre o que surge ao longo do processo de investigação serão registrados no caderno de campo. Informações importantes ou não serão anotadas, em ordem cronológica, bem como todos os nomes das pessoas entrevistadas ou observadas.

Uma das maiores publicações da carreira de Darcy Ribeiro, foi a publicação de "Diários Índios" de 1996. O livro é a publicação de seu "diário de campo" ou "caderno" se preferir, no qual o autor entre 1949 e 1951, anotou o que viu e ouviu nas duas expedições que fez às aldeias kaapor, na fronteira entre o Pará e o Maranhão. É perceptível a clareza do texto, percebendo-se a ordem cronológica das expedições e a do deslocamento espacial aproxima-se do gênero relato de viagem. São textos escritos para a sua esposa, na época, a antropóloga e Etnóloga Berta Ribeiro. No texto não são usados "expressões" ou referências de autores ou debates teóricos, já que ambos eram antropólogos. Apenas, a descrição simples de forma clara de um homem apaixonado pelo seu trabalho e por sua esposa.

### **Nossa metodologia**

Com a promulgação da constituição Brasileira, conhecida como "Constituição Cidadã", em 5 de outubro de 1988, tornando-se símbolo do processo de redemocratização nacional, foi que a expressão "laudo antropológico" começou a ser utilizada de modo sistemático, indicando um novo gênero de saber administrativo, centrado na articulação entre um solicitante – uma autoridade judiciária – e um perito – um especialista independente e altamente qualificado. Assim, o trabalho pericial em antropologia ocorre, quando se trata de afirmar direitos socioculturais.

Para realização desse texto, adotamos como referência o ano 2000, quando Antropólogos reunidos em Ponta das Canas, Florianópolis, a convite da Associação Brasileira de Antropologia e do NUER/UFSC, produziram "A CARTA DE PONTA DAS CANAS". Assim, definimos para efeito de nossas análises textuais, a expressão de "laudos atuais" aqueles produzidos depois do ano 2000, e "laudos antigos", os anteriores ao ano de 2000.

Entendemos que quando desejamos nos fazer entender, precisamos considerar que formulamos nossa fala e escrita de acordo com nossas experiências e na medida do possível, consideramos a fala e o entendimento de nossos interlocutores. Assim, procuramos observar o uso de "verbetes" ou "jargões", não somente antropológicos, mas das disciplinas envolvidas, bem como a clareza, segundo nossa "perspectiva", de como foram elaborados os textos.

## Os Laudos Antropológicos

Os laudos estudados, referendados neste ensaio, apresentam algumas características a considerarmos para efeito deste ensaio.

Os mais "atuais" lançam mão de apresentação de fotos, mapas e tabelas, pois com certeza, o uso de tecnologias visuais fazem valer a máxima de: "Uma imagem fala mais que mil palavras."

Enquanto os antigos, embora mais curtos, sem apresentação de material visual, apresentam uma descrição mais densa de suas metodologias e seus estudos históricos.

Percebe-se, pela construção dos "sumários" desses laudos, que os "atuais" seguem uma determinação de dar respostas ao judiciário. A construção dos capítulos deixam claro a "necessidade" de não deixarem dúvidas aos "questionamentos". A organização dos capítulos, então, segue a lógica dos quesitos apresentados pelo Juízo.

Mas, devemos ressaltar que por parte dos antropólogos há o aproveitamento desses capítulos, para ir além daquilo que é perguntado. Este "ir além" fica evidenciado pelo trabalho etnográfico realizado, em cada capítulo.

É possível perceber-se, nas introduções desses laudos, que há uma preocupação de quem escreve de evidenciar o trabalho interdisciplinar, bem como a metodologia usada pelos grupos de trabalho.

Uma outra constante nos laudos é qual o papel que cada um realiza deixando claro que o resultado de uma perícia não pode ser confundido com o pronunciamento de uma sentença judicial.

Percebe-se a presença do antropólogo por seu texto de linguagem descritiva com uma descrição densa preconizada por GEERTZ (1978). Porém, é um texto sem "jargões" ou verbetes, inerentes as disciplinas que participam da elaboração desses laudos, procurando de forma objetiva e clara, esclarecer o juiz ou ao público afetado pelo laudo.

É lembrado pelo Doutor Orivaldo Nunes(2022) em sua video aula, bem como pelo texto do Doutor Jorge Eremites(2012), que a escrita desses laudos, muitas vezes constituem-se da nefasta prática do "copia e cola". Porém não deixarão a pergunta do juiz sem resposta, principalmente nos textos mais "atuais".

Jorge Eremites(2012, pg 17), esclarece:

[...]O objetivo desse procedimento foi evitar repetições dos mesmos dados, com o propósito de produzir um texto mais enxuto e objetivo. Em alguns casos, foram retomados argumentos já apresentados anteriormente para introduzir novos dados, vistos como necessários à produção da resposta a determinado quesito.[...]

É possível observarmos a repetição de texto, quebra de paradigmas da escrita acadêmica ...



Mas, podemos observar algumas exceções. O laudo da antropóloga Priscila de Santana, para a defensoria pública de Mato Grosso do Sul- autos nº 0900011-84.2020.8.12.00004 (Medida Protetiva de urgência- Lei Maria da Penha- Ameaça) de "2021", apresenta um texto formal, com uso de vários verbetes da antropologia e citação de vários pensadores da antropologia. Apesar de apresentar fotos em seu anexo, é um texto curto de 52 páginas. Fica evidente de se tratar de um trabalho somente de natureza antropológica.

O laudo produzido pela Antropóloga Cecilia Maria Vieira, para a justiça federal de Curitiba - Artigos de Oposição 00.0033390-3, 45 páginas, de 1996, apesar de citar a importância da Antropologia visual e da utilização de equipamentos para registro de imagem e som, não os utilizam na elaboração do laudo. Segue rigorosamente a sequência de perguntas formuladas pelo juiz.

O trabalho realizado para a procuradoria da república no estado de São Paulo, com o objetivo de instruir o inquérito civil público nº 05/96, laudo antropológico comunidades negras de Ivaporunduva, São Pedro, Pedro Cubas, Sapatu, Nhunguara, André Lopes, Maria Rosa E Pilões Vale Do Rio Ribeira De Iguape - SP , de 1998 constitui-se de um documento de 230 páginas, composto de uma descrição densa e de uma forma descritiva clara.

Nos laudos que constaram da análise deste trabalho, observamos a presença de uma metodologia científica clara e participativa dos grupos de estudos constituídos para a elaboração do laudo.

### **As publicações dos laudos**

Como já abordamos no início deste trabalho, a publicação constitui-se de uma forma de fechar um trabalho científico. As publicações dos laudos, referendados neste trabalho, apresentam suas formas bem definidas, a partir dos laudos que produziram.

Seguem a clareza das informações e de suas narrativas "argumentativas e esclarecedoras". Mantém a produção sem uso dos verbetes específicos de cada ciência, sendo elucidativas e expondo as respostas dadas ao judiciário.

Ao olhar do grupo, mesmo que, em alguns momentos o "acadêmico" possa aparecer, a publicação não perde seu objetivo de "esclarecer", "ensinar" e "orientar" a todos os que possam servir-se dessas publicações.

## CONCLUSÃO:

LEITE(2005, pg 49) escreveu:

[...]O laudo é outra modalidade de produção científica? Tudo indica que sim, pelas próprias condições de sua elaboração, pelo fato de inserir-se num processo, de fazer parte de um diálogo com outros campos e saberes, e de ser produzido mediante quesitos previamente elaborados.[...]

O rigor acadêmico, impõe regras e condutas a pesquisadores, alunos...São regras claras, tendo o controle de comitês de éticas sempre presentes.

O tema da pesquisa, o objeto da pesquisa, seus objetivos específicos ou geral, bem como as referências bibliográficas relacionadas aos temas, são elementos fundamentais nas pesquisas acadêmicas e cobrados pelas bancas avaliadoras.

O fazer antropológico de um laudo ou de uma perícia, ao nosso parecer, evidencia a importância da produção do "caderno de campo". Sem estar preso a regras acadêmicas, o antropólogo anota e descreve tudo com detalhes, e não somente apenas aquilo que é objeto de sua pesquisa. O espaço e o trabalho do grupo é respeitado.

Embora seja o antropólogo o responsável pela elaboração do laudo, ele não trata somente de "mediar", mas também o de "negociar".

O Fazer de um laudo antropológico, diferencia-se do fazer acadêmico, desde de sua elaboração até a sua formatação final. O academicismo da lugar ao pragmatismo, que mesmo seguindo uma metodologia no trabalho de campo, a mudança da forma de escrita, evidencia a preocupação em "esclarecer", permitindo um "fácil entendimento" a todas as partes envolvidas no processo.

A construção dos "sumários" deixam claro a "não obediência" das regras da ABNT, ou da construção literal. Segue-se o que o juiz perguntou.

AMORIM et. al, (2010,p. 210) escreve:

(...) Os meios pelos quais o antropólogo obteve seus dados, a forma como os interpretou e o modo como chegou a suas conclusões são informações que têm de estar postas de forma evidente para o leitor, que, porquanto leigo, não pode ter dúvida tratar-se de trabalho reconhecidamente antropológico pelos cânones próprios da disciplina(...)

Michael Agar(1992) afirma em seu livro, que quanto mais o discurso produzido no campo pericial tenta replicar o produzido no campo acadêmico, menos evidencia, e perde em muito em termos de clareza e comunicabilidade.

E como Já dizia Chacrinha o Velho Guerreiro: "Quem não se Comunica se Trumbica". Tratando-se de um laudo, "uma comunidade grande" poderá ser prejudicada, além do próprio antropólogo perito.

## REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA:

LEITE, Ilka Boaventura. **"Os laudos periciais: um novo cenário na prática antropológica."** In: LEITE, I. B. (org.). **Laudos periciais antropológicos em debate.** Florianópolis: NUER; ABA, 2005.

AMORIN, Elaine; ALVES, Kênia; SCHETTINO, Marco Paulo Fróes. **"A Ética Na Pesquisa Antropológica No Campo Pericial."** In: FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice (org.). **"Ética E Regulamentação Na Pesquisa Antropológica"**. Brasília: Letras Livres; Editora Universidade de Brasília, 2010.

AGAR, M. Hacia un lenguaje etnográfico. In: GEERTZ, C.; CLIFFORD, J. (Org.). **"El surgimiento de la antropología posmoderna."** Barcelona: Gedisa, 1992. p. 117-137.

NUNES Orivaldo, Junior - **" Teoria Da Multiescalaridade Do Torus-Mestre"** - Tese De Doutorado - Universidade do Estado de Santa Catarina –UDESC - 2022

### **Laudos Antropológicos:**

- Justiça Federal De Primeira Instância - Circunscrição Judiciária De Curitiba

2ª Vara Cível - Autos De Artigos De Oposição Nº 00.0033390-5- Laudo Antropologico

Oponente: Fundação Antropológico Nacional Do Índio • Funai

Opostos: F.Slaviero & Filhos S/A. Ind.E Com.De Madeiras E Outros

Perita : Profª. Drª. Cecilia Maria Vieira I-Ielm - Curitiba, Fevereiro De **1996**

Site: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/0UD00082.pdf>

- Laudo Antropológico dos autos nº 0900011-84.2020.8.12.00004 (Medida Protetiva de Urgência- Lei Maria da Penha- Ameaça) e autos nº 0001193-33.2020.8.12.0004

(Descumprimento de Medida Protetiva), do Poder Judiciário do Estado de Mato Grosso do Sul. - Priscila de Santana Anzoategui - Antropóloga – ABA nº 3988

Site: <https://catarinas.info/wp-content/uploads/2021/08/Laudo-antropologico.-Dona-Lucia-finalizado.pdf>

- Ref: Comunidade Indígena AVA-GUARANI TERRA INDIGENA OCO'Y - Município de São Miguel do Iguazu Estado do Paraná Brasil - Antropóloga: Dra Maria Lucia Brant de Carvallio Cientista Sociais (Antropóloga) Cientista Ambiental - **2003**

Site: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/68931?show=full>

- Comunidades Negras De Ivaporunduva, São Pedro, Pedro Cubas, Sapatu, Nhunguara, André Lopes, Maria Rosa E Pilões Vale Do Rio Ribeira De Iguape - Sp

Objetivo De Instruir O Inquérito Civil Público Nº 05/96, Em Subsídio À Atuação Do

Ministério Público Federal Na Defesa Dos Direitos Das Comunidades Remanescentes De

Quilombo Do V Ale Do Ribeira. - Adolfo Neves De Oliveira Junior Mestre Em Antropologia, Unb, Deborah Sruccm, Mestre Em Antropologia, Unicamp, Mirjande Fátima Chagas, São Paulo, Setembro De **1998**.

Site: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/03D00175.pdf>

-Laudo Antropológico -A COMUNIDADE INDÍGENA WAURÁ E A "TERRA DO BATOVÍ" (Ação Declaratória Processo Nº 92.0013080-1

BRUNA FRANCHETTO

Site: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/WRD00028.pdf>

- Fundação Nacional do Índio- FUNAI - Maria da Penha Cunha de Almeida - **1981**

site : <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/PED00002.pdf>

- Ação Ordinária Nº 2000.715-0/1400 Autor: JOAQUIM AUGUSTO CURVO E OUTRO

Réu: União Federal e Outro Assunto: Laudo resultante da perícia antropológica.

Área: Área Indígena Aripuanã - MT - **2004**

Site: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/CLD00093.pdf>

## **Publicações**

- EREMITES, Jorge de Oliveira e Levi Marques Pereira - "**TERRA INDÍGENA BURITI:** perícia antropológica, arqueológica e histórica sobre uma terra terena na Serra de Maracaju, Mato Grosso do Sul" - **2012**

- GUSTAVO Kenner Alcântara ... [et al.]. - "**AVÁ-GUARANI: a construção de Itaipu e os direitos territoriais**". – Brasília : ESMPU, **2019**

- FABIANE Hack... [et al.]. -"**Laudo antropológico da comunidade quilombola do Cedro, Mineiros, Goiás**" [livro eletrônico] – Rio de Janeiro, RJ: Autografia, **2021**.

- CARVAIHO, Maria Lucia Brant de, -"**Comunidade Indígena AVA-GUARANI TERRA INDIGENA OCO'Y** Município de São Miguel do Iguazu Estado do Paraná- Brasil" - **2005**